



Educação sexual com adolescentes: Conhecimento, diálogo e autonomia

Ana Karen Martins Costa¹, Arthur Gabriel Dos Santos Silva Mourão², Hellen Cristina Sousa Costa³, Maria Eduarda Weidle⁴, Sara De Amorim Sousa⁵, Elzsnice De Fátima Brandão Falcão Felix⁶, Verônnika Galvão Moreira⁷



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n7p301-310>

Artigo recebido em 25 de Maio e publicado em 05 de Julho de 2025

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

O presente estudo aborda a educação sexual como ferramenta essencial para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes do sexo masculino, considerando o cenário atual de vulnerabilidade desse grupo frente às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) no Brasil. Dados do Boletim Epidemiológico de HIV/aids (Ministério da Saúde, 2023) apontam alta incidência de novas infecções entre homens jovens, realidade associada a fatores socioculturais ligados à masculinidade tradicional e à dificuldade de acesso a informações seguras sobre sexualidade e autocuidado. O objetivo deste trabalho foi analisar barreiras e desafios que limitam o acesso de adolescentes ao conhecimento sobre seus corpos, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia para vivenciar a sexualidade de forma saudável e consciente. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, com caráter descritivo, a partir da análise de artigos científicos, documentos técnicos e publicações institucionais, disponíveis em bases como Scielo, Lilacs e Google Acadêmico. Foram selecionados seis materiais publicados entre 2019 e 2025, alinhados ao tema e aos objetivos da pesquisa. A avaliação dos conteúdos foi conduzida por meio de leitura crítica com síntese interpretativa, permitindo consolidar informações de forma estruturada. Os resultados destacam a necessidade de ações educativas contínuas e integradas que contemplem aspectos biológicos, emocionais, sociais e éticos da sexualidade, incluindo temas como higiene íntima, consentimento e uso do preservativo. Conclui-se que a articulação entre saúde, educação e assistência social é fundamental para o fortalecimento de estratégias de prevenção e para a construção de espaços de diálogo acolhedores, que promovam o respeito e a autonomia dos jovens no cuidado com sua saúde sexual e reprodutiva.

Palavras-chave: Educação sexual, Adolescência, Prevenção de ISTs, Saúde reprodutiva.

Sexual education for adolescents: Knowledge, dialogue and autonomy

ABSTRACT

This study addresses sexual education as an essential tool for promoting the sexual and reproductive health of male adolescents, considering the current scenario of vulnerability of this group to sexually transmitted infections (STIs) in Brazil. Data from the HIV/AIDS Epidemiological Bulletin (Ministry of Health, 2023) indicate a high incidence of new infections among young men, a reality associated with sociocultural factors linked to traditional masculinity and the difficulty of accessing safe information about sexuality and self-care. The objective of this work was to analyze barriers and challenges that limit adolescents' access to knowledge about their bodies, favoring the development of critical thinking and autonomy to experience sexuality in a healthy and conscious way. To this end, a qualitative bibliographic research was carried out, with a descriptive character, based on the analysis of scientific articles, technical documents and institutional publications, available in databases such as Scielo, Lilacs and Google Scholar. Six materials published between 2019 and 2025, aligned with the theme and objectives of the research, were selected. The content was assessed through critical reading with interpretative synthesis, allowing information to be consolidated in a structured manner. The results highlight the need for continuous and integrated educational actions that address biological, emotional, social and ethical aspects of sexuality, including topics such as intimate hygiene, consent and condom use. It is concluded that the articulation between health, education and social assistance is essential for strengthening prevention strategies and for building welcoming spaces for dialogue that promote respect and autonomy among young people in caring for their sexual and reproductive health.

Keywords: Sex education, Adolescence, STI prevention, Reproductive health.

Instituição afiliada – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Autor correspondente: *Maria Eduarda Weidle* mariaweidle@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946), a saúde é definida como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade.” Embora essa definição ainda seja amplamente utilizada, documentos mais recentes da OMS (2017) ampliam esse conceito, destacando a educação em saúde como ferramenta fundamental para abordar aspectos como o autocuidado, a higiene íntima, o consentimento, e a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), sobretudo no contexto da saúde sexual e reprodutiva, que se configuram essenciais para a promoção do bem-estar entre homens jovens.

Nesse contexto, o Boletim Epidemiológico de HIV/aids do Ministério da Saúde (2023) revela uma alta incidência de novas infecções entre pessoas de 15 a 24 anos, com predominância entre homens jovens. Em 2022, 76,4% dos casos registrados entre adolescentes de 15 a 19 anos foram do sexo masculino, percentual que chegou a 74,6% entre os jovens de 20 a 24 anos. Esses dados revelam um cenário alarmante, e destacam a necessidade de ações específicas de educação em saúde e prevenção às ISTs, direcionadas a esse grupo, principalmente levando em consideração que os homens jovens são os que menos buscam os serviços de saúde — realidade associada ao contexto sociocultural de uma masculinidade tradicional interligada à ideia de invulnerabilidade (Spíndola *et al.*, 2021)

Diante dessa realidade, a educação em saúde surge como alicerce essencial para ações de promoção e prevenção às ISTs, entre homens jovens. A inserção de práticas educativas que instiguem a quebra do silêncio sobre temas como a higiene íntima, uso do preservativo e consentimento abriria espaço para disseminar informações de maneira empática e crítica. Nesse sentido, a educação em saúde contribui para integrar essas temáticas, promovendo o conhecimento sobre o próprio corpo e o desenvolvimento da autonomia dos jovens, como destacam Ferreira *et al.* (2024)

É, portanto, importante pontuar a higiene íntima e a prevenção de ISTs como elos centrais ainda pouco explorados na literatura científica, apesar de seu potencial de instrução. De acordo com Ferreira *et al.* (2024), é nítida a negligência no cuidado íntimo masculino, o que contribui para a desinformação e o surgimento das infecções



sexualmente transmissíveis. Dessa forma, pontuar discussões que estimulem a promoção da saúde e rompam com estigmas representa um avanço no incentivo ao cuidado com o próprio corpo e no acesso à informação de forma consciente e consistente.

A partir dessa perspectiva, este trabalho surgiu de uma ação educativa realizada com adolescentes do sexo masculino na faixa etária de 15 a 19 anos, em uma escola pública de rede estadual. A atividade teve como objetivo instigar o diálogo sobre a saúde reprodutiva e sexual, dando foco à ruptura de tabus, o respeito, a prevenção, a higiene íntima e ao consentimento. A escolha da instituição de ensino se deu por possibilitar interação e acessibilidade ao diálogo com o público-alvo.

Embora as diretrizes do Ministério da Saúde (Brasil, 2022) apresentem políticas públicas que abordem a saúde sexual e reprodutiva de jovens e adolescentes, a escrita científica ainda carece de produções que articulem de maneira integrada os conceitos de prevenção de ISTs, autocuidado e higiene íntima voltados ao público-alvo. Assim, este trabalho tem como principal objetivo mostrar as barreiras que limitam o acesso dos jovens ao conhecimento sobre seus próprios corpos, possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico sobre a própria sexualidade e da autonomia para vivenciá-la de maneira saudável e consciente.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvida por meio de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa com caráter descritivo. O estudo consistiu na leitura, seleção e análise de materiais previamente publicados que abordavam a temática sobre educação sexual para adolescentes, contemplando aspectos como higiene íntima, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), uso de preservativo e sexo com respeito mútuo e consentimento.

Para a elaboração desse trabalho, foram consultadas fontes como artigos científicos, materiais técnicos e orientações de órgãos de saúde e educação, disponíveis em bases de dados eletrônicas como Scielo, Lilacs, Google acadêmico e portais do ministério da saúde. Os critérios de inclusão englobados foram produções divulgadas entre 2019 e 2025, que abordassem dados e reflexões sobre práticas educativas voltadas ao público adolescente.

Durante o processo de levantamento e seleção do material foram identificados 12 artigos dos quais 6 foram escolhidos para compor o estudo por estarem alinhados



aos propósitos da pesquisa e apresentarem informações recentes e pertinentes ao tema. Foram descartadas publicações que tratavam exclusivamente do público infantil ou adulto, bem como aquelas que não possuíam respaldo científico consistentes.

Os descritores utilizados na busca incluíram: educação sexual, adolescentes, prevenção de ISTs, saúde sexual e reprodutiva, consentimento e autonomia juvenil.

A análise dos materiais selecionados foi conduzida por meio de leitura crítica com síntese interpretativa, buscando agrupar os principais conceitos, estratégias e evidências presentes nas publicações, de modo a construir um panorama atualizado sobre educação sexual de adolescentes. Essa técnica permitiu consolidar as informações de maneira estruturada e fundamentada, servindo de subsídio para ações educativas voltadas ao fortalecimento da autonomia dos jovens, à prevenção de ISTs e ao desenvolvimento de atividades responsáveis em relação à vivência da sexualidade.

Por meio desta abordagem, buscou-se reunir referências que possam orientar professores, profissionais da saúde e familiares na elaboração de estratégias informativas, promovendo um ambiente de diálogo, acolhimento e conscientização entre adolescentes.

Autor (es)	Ano	Assunto
A. SILVA, L. V; ADRADE, S. S. C.	2023	Educação sexual e juventude: desafios para a promoção da saúde e da autonomia
SPÍNDOLA, T.; SANTANA, R.S.C.; ANTUNES, R. F.	2021	Diferenças de gênero na prevenção de ISTs entre jovens
FERREIRA, G. V. et al.	2024	Educação sexual e infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes: revisão integrativa
WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO)	2010	Standards for sexuality education in Europe



ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS)	2017	Ação acelerada para saúde de adolescentes: orientações para implementação
BRASIL. Ministério da Saúde	2022	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens

FONTE: autoras, 2025

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discutir sexualidade com adolescentes no Brasil ainda é um grande desafio. Mesmo com avanços em políticas públicas, como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens, muitas ações educativas esbarram em barreiras culturais, morais e institucionais que dificultam o acesso dos jovens a informações claras, respeitadas e seguras.

Segundo Silva e Andrade (2023), a educação sexual precisa ser mais do que um alerta sobre riscos. Deve ser um processo contínuo de formação, que valorize os direitos sexuais e reprodutivos, a afetividade e o respeito à diversidade. Ou seja, é sobre formar cidadãos conscientes, capazes de fazer escolhas livres e informadas.

A Organização Mundial da Saúde (2010) propõe um modelo mais amplo, que leve em conta os aspectos biológicos, mas também emocionais, sociais e éticos da sexualidade. Infelizmente, muitos jovens ainda não têm acesso a uma abordagem tão integral assim — e isso limita sua autonomia e os coloca em situações de vulnerabilidade.

Uma revisão feita por Ferreira et al. (2024) mostrou que adolescentes que participam de programas de educação sexual na escola sabem mais sobre ISTs, métodos contraceptivos e os próprios limites. Mas também revelou que esse conteúdo, em muitos casos, é superficial, pontual e influenciado por visões religiosas ou morais dos próprios educadores.

O fator gênero também pesa nessa equação. Spíndola, Santana e Antunes (2021) destacam que meninas e meninos vivenciam a sexualidade de formas diferentes: meninas se preocupam mais com julgamentos e têm menos espaço para negociar nas relações; já os meninos, muitas vezes, demonstram menor preocupação com proteção.



Isso mostra como as desigualdades de gênero impactam diretamente o autocuidado e a liberdade de escolha.

Para mudar esse cenário, é essencial criar espaços de diálogo abertos, sem julgamentos — tanto nas escolas quanto em casa. Afinal, quando o tema é tratado como tabu, os adolescentes acabam se virando sozinhos, muitas vezes recorrendo a fontes inseguras ou tomando decisões sem as informações necessárias.

Mais do que repassar informações, é necessário valorizar a escuta qualificada. A educação sexual não pode ser vista como uma ameaça aos valores, mas como uma ferramenta para fortalecer jovens, promover sua saúde e garantir seus direitos. Com a união entre saúde, educação e assistência social, como prevê a Política Nacional, podemos criar estratégias mais efetivas e inclusivas.

Educar para a sexualidade, com cuidado e escuta, é um passo fundamental para formar uma geração mais consciente, segura e respeitosa com os próprios corpos e os corpos dos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou a importância de ações educativas voltadas à saúde sexual de adolescentes e jovens, com ênfase no público masculino, considerando sua vulnerabilidade diante das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e da desinformação. Apesar da existência de políticas públicas e diretrizes específicas, ainda persistem desafios significativos, como o tabu em torno da sexualidade, a falta de abordagem adequada por parte dos profissionais de saúde e a influência de fatores socioculturais que dificultam o acesso dos jovens a informações claras e seguras.

A análise da literatura demonstrou que a educação sexual precisa ser contínua, abrangente e pautada no respeito à diversidade, ao consentimento e à afetividade. É necessário que os conteúdos educativos contemplem não apenas os aspectos biológicos da sexualidade, mas também os aspectos emocionais, sociais e éticos, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, do autocuidado e da responsabilidade.

Conclui-se que a atuação de profissionais da saúde, especialmente da enfermagem, deve ser comprometida com a promoção de espaços de escuta e diálogo,



livres de preconceitos, onde adolescentes e jovens possam ser orientados de forma humanizada. A articulação entre os setores da saúde, educação e assistência social é essencial para o fortalecimento das estratégias de prevenção e para a construção de uma sociedade mais consciente e informada quanto à vivência saudável da sexualidade. Investir em educação sexual não é apenas uma medida de prevenção, mas uma ação de cidadania e fortalecimento da juventude brasileira, sendo, portanto, um compromisso ético e social que deve ser incorporado às práticas de cuidado e promoção da saúde.

REFERÊNCIAS

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). GLOBAL accelerated action for the health of adolescents (AA-HA!): guidance to support country implementation. Geneva: World Health Organization, 2017. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241512343>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SILVA, L. V.; ANDRADE, S. S. C. A. Educação sexual e juventude: desafios para a promoção da saúde e da autonomia. Revista Brasileira de Promoção da Saúde, Fortaleza, v. 36, e24023, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/14493>. Acesso em: 30 jun. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Standards for sexuality education in Europe: a framework for policy makers, educational and health authorities and specialists. Cologne: WHO Regional Office for Europe, 2010. Disponível em: <https://www.bzga-whocc.de/en/publications/standards-in-sexuality-education/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens: orientações para o cuidado com a saúde de adolescentes e jovens na Rede de Atenção à Saúde do SUS. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/saude-de-adolescentes-e-jovens>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SPÍNDOLA, T.; SANTANA, R. S. C.; ANTUNES, R. F.



A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 7, p. 2683–2692, jul. 2021.

DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08282021>.

FERREIRA, G. V. et al.

Educação sexual e Infecções Sexualmente Transmissíveis em adolescentes: uma revisão integrativa. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, São José dos Pinhais, v. 17, n. 10, e11446, out. 2024.

DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.10-127>.